

PERFIL // PAULO PAIM

Senador do PT gaúcho se tornou um problema para o governo por causa de aumento de gastos com trabalhadores e aposentados

Um aliado de incomodar

MARIANA MAINETTI

DA EQUIPE DO CORREIO

Passava de seis horas da manhã da última quarta-feira e olheiras profundas evidenciavam o cansaço dos senadores no plenário. Lá estavam os sobreviventes da terceira vigília feita para pressionar a Câmara a aprovar três projetos que beneficiam os aposentados. Nos discursos feitos ao longo daquela madrugada, uma marca comum: elogios a Paulo Paim (PT-RS), autor das propostas. As menções poderiam até ser consideradas corriqueiras se não fosse pelo fato de ali não haver nenhum petista à exceção dele.

Os senadores do PT evitam posicionamentos públicos nesse tema, seguindo orientações do Executivo, que leva em conta o argumento de que os projetos custarão R\$ 76 bilhões aos cofres públicos, se aprovados. Por isso, a Câmara tornou-se cenário de batalha, em que o governo tenta evitar que os textos passem, para a decisão não cair no colo do presidente da República. Nesse contexto, as lideranças governistas não escondem que Paim tornou-se um problema para o Palácio do Planalto: a líder do PT no Senado, Ideli Salvatti (SC), afirmou que seria necessária "uma República só para os projetos do senador".

Gustavo Moreno/Esp. CB/D.A Press - 13/10/08



PAIM: DEFESA DE PROJETOS CONTRÁRIOS AO INTERESSE DO GOVERNO

AMEAÇA DE PUNIÇÃO

Paulo Paim já deu demonstrações anteriores de que é mais fiel à base de trabalhadores e aposentados que o elegeu do que ao governo. Em 2004, chegou a ser ameaçado de punição pela Executiva Nacional do PT por não ter seguido orientação de voto a favor do reajuste de R\$ 260 para o salário mínimo. Ele brigava por R\$ 15 a mais.

A incômoda independência de Paim, no entanto, parece ter se tornado o principal ativo do senador. Antes de ingressar no Senado, o gaúcho elegeu-se quatro vezes deputado federal. Em três, ele foi o candidato mais votado pelo estado. No Alô Senado, telefone 0800 da Casa, Paim lidera com frequência o número de citações em telefonemas de pessoas que ligam para sugerir, criticar ou elogiar o trabalho dos parlamentares.

A alta popularidade do senador é resultado ainda de outra característica dele: relacionar-se intensamente com a mídia. Só no ano passado, ele deu mais de 60 entrevistas exclusivas para jornais de abrangên-

cia nacional, 30 para TVs, 100 para rádios e 40 para veículos do Rio Grande do Sul.

CONSTITUIÇÃO RASGADA

Saber chamar a atenção é uma arte que Paulo Paim domina há muito. Em 2001, durante um debate sobre a flexibilização das regras da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), o então deputado rasgou uma página da Constituição e lançou o exemplar sobre o deputado Ricardo Izar (PTB-SP), que faleceu este ano. O livro acabou atingindo o deputado André Benassi (PSDB-SP).

O parlamentar ganhou notoriedade em 20 de novembro de 1991, Dia de Zumbi dos Palmares, quando entrou em greve de fome para defender o reajuste do salário mínimo, que era de 42 mil cruzeiros na época. Passadas quase 72 horas, o então presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, entrou no plenário com os líderes dos partidos para dizer que o presidente Fernando Collor havia decidido apresentar uma proposta de abono emergencial para o salário mínimo desde que o deputado voltasse a se alimentar.

CONVÍVIO COM LULA

Já no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, durante as discussões em torno da PEC que garante a aposentados e pensionistas a isenção da contribuição previdenciária, Paim ameaçou fazer nova greve de fome. A promessa não chegou a se concretizar.

O que causa maior surpresa entre os petistas é o fato de Paim estar entre os que tiveram no passado intenso convívio com Lula. Ao desembarcar em Brasília para ser constituinte, em 1987, o gaúcho não conhecia os meandros da Esplanada. Mas deu sorte. Foi morar no apartamento funcional em que viviam Lula e Olívio Dutra.

Os colegas, mais experientes, levavam Paim para cafés-da-manhã com diplomatas e políticos para que ele se ambientasse na capital. Além disso, o parlamentar tinha em comum com o futuro presidente o fato de ambos serem ex-metalúrgicos, politicamente nascidos do sindicalismo.

CONSTRANGIMENTO

Em viagens ao Rio Grande do Sul durante a última campanha, no avião presidencial, Paim conversou com Lula sobre seus projetos. A postura do presidente foi a de não tentar impedi-lo de levar adiante as propostas, mas pediu ao senador que conversasse antes com o ministro da Previdência, José Pimentel. Paim seguiu a orientação. Não houve consenso.

O próprio Paim admite que sente um mal-estar, um constrangimento em determinados momentos com o Executivo. "Nessas horas, fico sem ir ao Palácio por uns tempos", conta. Ele afirma, no entanto, que as divergências políticas não prejudicam as suas relações pessoais com o presidente, a quem evita fazer críticas diretas publicamente. "O Lula me ligou para prestar solidariedade num dos momentos mais difíceis da minha vida, quando eu estava com o meu filho gravemente doente, na UTI", lembra.

São essas relações fraternas com Lula que explicam, em parte, o fato de as posições de Paim contrárias ao Executivo não o terem levado a uma situação extrema, como a saída do PT.